

V.20 nº43 (2024)

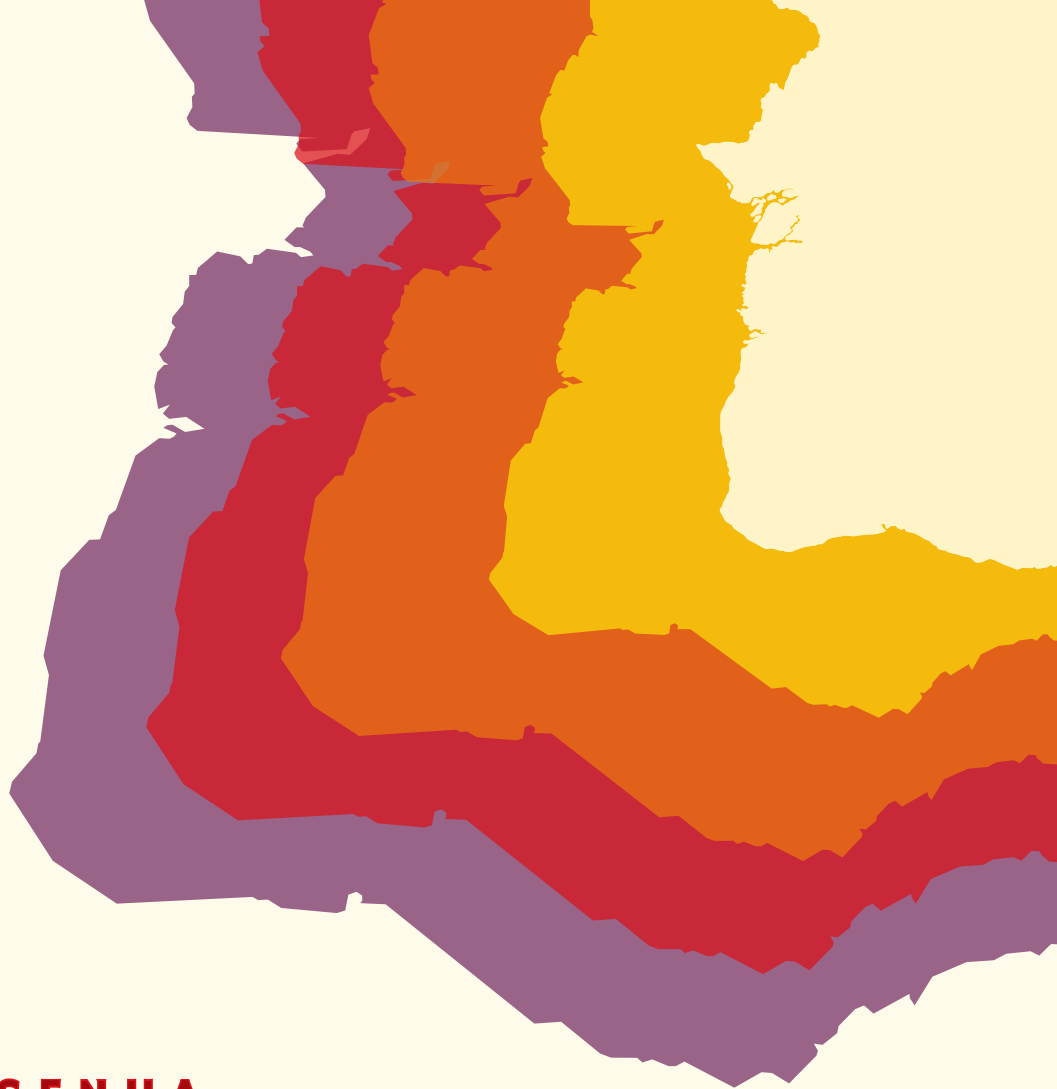
REVISTA DA
**AN
PE
GE**

ISSN 1679-768X

a

ANPEGE

Associação Nacional
de Pós-graduação e
Pesquisa em Geografia



RESENHA

O tempo, o espaço e os processos sociais na virada do século XIX para o XX

Tiempo, espacio y procesos sociales en el cambio de siglo del siglo XIX al XX

Time, space and social processes at the turn of the 19th to the 20th century

DOI: 10.5418/ra2024.v20i43.19083

CLÁUDIO SMALLEY SOARES PEREIRA
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

V.20 n°43 (2024)

e-íssn : 1679-768X

RESUMO: O tempo e o espaço são os conceitos analisados por Stephen Kern no importante livro "A cultura do tempo e espaço: 1880-1918", que ganhou tradução para o português e foi publicado no Brasil em 2023. Publicado há mais de 40 anos, a obra é uma referência para a análise dos dois conceitos basilares para os estudos nas áreas de ciências humanas e sociais, artes, filosofia, física etc., e chega para estimular novas pesquisas e compreensões acerca das dimensões temporais e espaciais da vida social. O livro aborda as grandes transformações sociais, econômicas, políticas e tecnológicas na virada do século XIX-XX, no contexto da Segunda Revolução Industrial, e as implicações no âmbito das formulações conceituais sobre o tempo e o espaço.

Palavras-chave: tempo; espaço; história; fenomenologia; tecnologia; modernidade.

RESUMEN: Tiempo y espacio son los conceptos analizados por Stephen Kern en el importante libro "La cultura del tiempo y el espacio: 1880-1918", traducido al portugués y publicado en Brasil en 2023. Publicada hace más de 40 años, la obra es una referencia para el análisis de dos conceptos fundamentales para estudios en las áreas de ciencias humanas y sociales, artes, filosofía, física, etc., y llega para estimular nuevas investigaciones y comprensiones sobre las dimensiones temporales y espaciales de la vida social. El libro aborda las grandes transformaciones sociales, económicas, políticas y tecnológicas de finales del siglo XIX y principios del XX, en el contexto de la Segunda Revolución Industrial, y sus implicaciones en el ámbito de las formulaciones conceptuales sobre el tiempo y el espacio.

Palabras clave: tiempo; espacio; historia; fenomenología; tecnología; modernidad.

ABSTRACT: Time and space are the concepts analyzed by Stephen Kern in the important book "The Culture of Time and Space: 1880-1918", which was translated into Portuguese and published in Brazil in 2023. Published over 40 years ago, the work is a reference for the analysis of the two fundamental



concepts for studies in the areas of human and social sciences, arts, philosophy, physics, etc., and arrives to stimulate new research and understandings about the temporal and spatial dimensions of social life. The book addresses the great social, economic, political and technological transformations at the turn of the 19th and 20th centuries, in the context of the Second Industrial Revolution, and the implications in the scope of conceptual formulations about time and space.

Keywords: time; space; history; phenomenology; technology; modernity.

O tema das relações entre espaço e tempo é alvo de inúmeras investidas de pensadores e pensadoras há tempos. Desde a filosofia (Kant aqui é um pilar desse tema), passando pela religião, adentrando as diversas ciências (naturais, humanas e sociais) até a arte, a discussão sobre o tempo e o espaço parece não se esgotar. Vejam-se os livros de Jammer (2010), Santos (2002) e Wertheim (2001); são belos exemplos de como as relações entre espaço e tempo ainda animam de forma sugestiva e diversa as concepções de ambos os conceitos, suas interpretações, concepções e mesmo implicações no mundo prático e das sociedades.

Quando olhamos para a Geografia e outras ciências humanas e sociais, pode-se afirmar que a chamada “virada espacial” (*giro espacial*, em espanhol, ou *spatial turn*, em inglês) reverberou nos modos como o mundo contemporâneo passou a ser compreendido, interpretado e analisado. Uma síntese dessa discussão recente pode ser encontrada em Pereira (2023). O reposicionamento do espaço e suas relações com o tempo constitui um tema de primeira ordem do ponto de vista epistemológico e metodológico para a Geografia. Se a modernidade teve o tempo e sua dinâmica como pontos centrais, a pós-modernidade, para muitos, tornou-se a época do espaço, do simultâneo, das sobreposições. É nessa trajetória que se inserem, por exemplo, as diversas intervenções de Henri Lefebvre, Michel Foucault, Georges Perec, entre outros autores.

É com base nessa contextualização que cumpre destacar a importante tradução para o português do livro do historiador Stephen Kern. **A cultura do tempo e espaço: 1880-1918** (*The culture of time and space, 1880-1918*. Cambridge: Massachusetts, Harvard University Press, na versão original) foi publicado em 1983 e reeditado em 2003 com um novo prefácio. A tradução para o português aparece, portanto, quarenta anos após a publicação original. E veio em boa hora, apesar do atraso. O autor, um historiador de formação e já conceituado pela realização de estudos sobre diversos temas, acaba de lançar um livro que ele considera ser uma continuação da tradução aqui resenhada, intitulado *Time and Space in the Internet Age* (Tempo e espaço na era da internet, em tradução livre), pela editora Routledge.

O livro está dividido em onze capítulos, mais introdução e conclusão, além de conter um prefácio à edição de 2003 e o apêndice à edição brasileira. Os capítulos são apresentados com simples expressões em seus títulos, que “refletem a tentativa de analisar a experiência espacial e temporal em temas claros e distintos que cubram os conceitos mais importantes” (Kern, 2023, p. 22). O método do autor é a fenomenologia. Ele o emprega como caminho interpretativo capaz de alcançar as essências e poder explicar as transformações conceituais do tempo e do espaço. Sua fenomenologia está baseada em autores como Eugène Minkowski, Husserl, Heidegger e Sartre.

O método fenomenológico mobilizado por Kern está dividido em dois pontos centrais, a meu ver: (i) a análise temática e (ii) a distinção conceitual entre essência e acidente. A primeira se refere a uma maneira de ordenar os temas que permeiam os objetivos da investigação. Para o autor, a tematização é o “processo de analisar (desmembrar), nomear e classificar elementos da experiência humana” (Kern, 2023, p. 20). Esses temas, em sua visão, seriam excludentes. Porém, ele mesmo reconhece que, quando se trata da experiência humana (em comparação com a “classificação dos átomos”), isso se torna mais complicado (*ibid.*, p. 21-22). Ainda assim, tematizar constitui um recurso que permite certo agrupamento de dados e informações que facilita a exposição e a compreensão dos processos, visando dar coerência à análise. Isso se reflete nos títulos de cada capítulo, os quais são temas que ele investiga, mas, como podemos constatar durante a leitura, não são totalmente isolados, uma vez que muitos aspectos acabam se repetindo em diversos capítulos, dadas as conexões transversais (a simultaneidade talvez seja o maior exemplo, pois atravessa toda a obra). Na sua visão, “a força da análise temática reside em possibilitar a integração de evidências culturais aparentemente díspares, provenientes de diversas áreas de estudo, e facilitar as comparações entre diferentes sociedades e épocas históricas” (*ibid.*, p. 23-24).

Já no que se refere à distinção entre essência e acidente, o segundo ponto do método fenomenológico do autor, trata-se de uma relação que permite compreender a experiência do tempo e do espaço em torno daquilo que é trans-histórico (essencial) e do que é acidental (histórico). Essa distinção não é absoluta, segundo o autor. Kern se esforça para destacar que o histórico e o trans-histórico estão em conexão, e é fundamental, portanto, buscar na análise aquilo que se modifica e aquilo que não se modifica. Ele exemplifica isso com a alienação. Na visão do historiador, a alienação, por ele definida como uma não identificação completa de uma pessoa com alguém, é um fenômeno essencial da existência humana que é transformado pelo capitalismo e pelas cidades modernas e industriais. Outro exemplo é a distância, pois se trata de elemento essencial do espaço que é transformada historicamente por meio de tecnologias de transporte e comunicação.

Os títulos dos capítulos são simples, como mencionado anteriormente. São eles: “A natureza do tempo” (capítulo 1), “O passado” (capítulo 2), “O presente” (capítulo 3), “O futuro” (capítulo 4), “Velocidade” (capítulo 5), “A natureza do espaço” (capítulo 6), “Forma” (capítulo 7), “Distância” (capítulo 8), “Direção” (capítulo 9), “A temporalidade da Crise de Julho” (capítulo 10) e “A guerra cubista” (capítulo 11). Essa estrutura de capítulos pode ser lida da seguinte maneira: os cinco primeiros capítulos são dedicados ao tempo e os quatro seguintes, ao espaço. Os dois últimos capítulos, o 11 e o 12, respectivamente, mostram o nexo entre as experiências do tempo e do espaço no

período pré-Primeira Guerra Mundial e suas implicações. São, outrossim, as mudanças provocadas pela expansão do modo de produção capitalista em sua tentativa progressiva de “anulação do espaço pelo tempo”, para usar a expressão de Marx (2011, p. 699), foco da análise de Kern.

Merece destaque o fato de Kern ter elaborado um importante mergulho histórico sobre as concepções de tempo e de espaço em diversos campos do saber. Ele não se restringiu ao plano científico, buscando compreender como as mudanças culturais implicaram uma alteração radical das noções de tempo e espaço tanto na arte, na literatura, na pintura, no cinema como nas ciências sociais e físico-naturais. A filosofia e a psicanálise também figuram no seu arcabouço teórico, sendo a fenomenologia, como dito, sua principal influência. Joyce, Picasso, Kant, Einstein, Newton, Poincaré, Maxwell, Nietzsche, Lênin, Freud, Husserl, Heidegger, Durkheim, Mauss, Sartre, Merleau-Ponty são alguns dos pensadores que surgem ao longo da discussão empreendida por Kern.

A simultaneidade é o tema central que sustenta a tese do livro. Ela percorre toda a obra e fundamenta a nova experiência do tempo e do espaço no final do século XIX, marcada por um conjunto de transformações tecnológicas, comerciais, econômicas, políticas, institucionais e científicas que vão pautar a constituição de uma nova maneira de viver. O período entre 1880 e 1918 não foi, portanto, escolhido por acaso e não serve apenas de camisa de força histórica, no sentido de que todos os temas abordados no livro tenham surgido nesse interregno temporal. Há, como o autor sugere, uma “unidade cultural geralmente coesa” no período. Kern está ciente e explora muito bem como invenções, inovações e descobertas nos campos da ciência e do mundo material ao longo do século XIX vão, de algum modo, se difundir e se generalizar em diversos lugares e territórios a ponto de fomentar uma percepção de um mundo em que tudo ocorre simultaneamente.

Uma série de inovações pode ser mencionada aqui, associadas com os debates sobre o presente, o passado, o futuro e a natureza do tempo e do espaço: o estabelecimento da hora-padrão, a invenção da luz elétrica e do cinema, o fonógrafo, a descoberta da idade da Terra, o telégrafo, a fotografia, a radiotelegrafia, o metrô em Londres, os bondes elétricos. Porém, para Kern, deve ser dado destaque especial ao telefone, o qual “tornou possível, de certa forma, estar em dois lugares ao mesmo tempo. Permitiu que as pessoas falassem a longas distâncias, pensassem no que o outro havia dito e respondessem de pronto, sem o tempo para a reflexão proporcionado pela comunicação escrita” (Kern, 2023, p. 117). Todas essas invenções apontavam para uma transformação do cotidiano e redefiniram as concepções de tempo (público e privado) e de espaço (neutro e ativo).

Ao final, Kern nos brinda com um apêndice à tradução brasileira, na qual ele trata de algumas questões explicativas sobre o livro. Intitulado “Sobre minha abordagem fenomenológica da história”, o

autor retorna, portanto, à fenomenologia como guia na investigação das “bases essenciais da experiência” (*ibid.*, p. 406) que são o tempo e o espaço. Kern afirma que a abordagem empregada na pesquisa foi adequada por “fundamentar uma história do tempo e do espaço baseada em um grande número de fontes diversas no recurso de um longo período de tempo”. Ele observa que os comentários posteriores a respeito de sua obra, resenhada por diversos especialistas, nem sequer fizeram análises ou julgamentos sobre essa abordagem.

Um ponto que eu gostaria de ressaltar, e que interessa de modo específico aos praticantes do campo da Geografia, é a proposta de Kern em torno do que ele chamou de “espaço positivo negativo”. Essa expressão é recuperada dos críticos da arte, os quais abordam a figura de uma pintura como “espaço positivo” e o fundo, como “espaço negativo”. Apesar de um tanto “desajeitado”, o termo indica que o espaço se constitui da relação dos elementos positivos e negativos (por exemplo, “entre forma e fundo na pintura, figura e fundo na percepção e espaço sagrado e espaço profano na religião”, p. 214). Sugere-se, portanto, “o sentido histórico dos desenvolvimentos desse período, posto que pressupõe que aquilo que anteriormente era visto como negativo agora detém uma função constituinte e positiva” (Kern, 2023, p. 214).

Kern nos diz que “as novas ideias desse período acerca da natureza do espaço desafiaram a noção popular de que o espaço era homogêneo e argumentaram em favor de sua heterogeneidade” (*ibid.*, p. 190). Após mostrar com detalhes as distintas implicações de uma nova maneira de conceber o espaço nos diversos campos do saber, ele afirma que “a visão tradicional de que o espaço era um vácuo inerte onde os objetos existiam deu lugar a uma nova visão deste como algo ativo e repleto” (*ibid.*, p. 213). Nota-se aqui algo interessante, que ajuda a pensar os modos variados como o espaço passou a ser conceituado em Geografia e nas ciências sociais, décadas depois do período analisado por Kern. Para geógrafas e geógrafos, a reflexão sobre o “espaço ativo” que ecoa nas obras de Milton Santos e Edward Soja, entre outros, é bem familiar.

Ao mencionar claramente que “espacialidades únicas [foram] criadas pela tecnologia” (*ibid.*, p. 289), que envolve a “pluralidade de espaços”, o “nivelamento das hierarquias”, a “reestruturação das formas” associadas à redução das distâncias (ferrovias, telefone, automóveis e avião) e suas implicações nas formas das cidades, nas criações de parques naturais e mesmo no imperialismo e na geopolítica, Kern assume a ideia de que o espaço pode ser criado (na teorização de Henri Lefebvre [2000], diríamos “espaço produzido”), e que, portanto, teria uma importância muito evidente na compreensão das transformações culturais do período ora analisado. De modo que, no final do livro, ao dizer-nos que “a afirmação do espaço positivo negativo rejeitou a visão convencional de que o

espaço importa menos do que os objetos contidos nele” (*ibid.*, p. 399), o historiador lembra facilmente a frase “A geografia importa” (“Geography matters”), de Doreen Massey (2012).

A cultura do tempo e espaço: 1880-1918 é referenciado em três importantes obras de teoria e epistemologia da Geografia que tratam do tempo e do espaço, a saber: *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*, de Edward Soja (1993 [1989]); *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*, de Doreen Massey (2008 [2005]), e, por fim, *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*, de autoria de David Harvey (2008 [1989]). No livro de Harvey, Kern é citado doze vezes e aparece, também, como referência importante em outro texto (Harvey, 1990). Como parte de uma crítica materialista, Harvey destaca que a análise de Kern apresenta diversas contribuições e lança luz para a compreensão do período que envolve a “compressão do tempo-espaço” (Harvey, 2008) no contexto da ascensão do Modernismo e da Segunda Revolução Industrial, eventos que se inserem no período analisado por Kern (1880-1918). Todavia, segundo Harvey (2008, p. 242), a abordagem de Kern é “carente de uma teoria da inovação tecnológica, da dinâmica capitalista no espaço ou da produção cultural”. Concordo com Harvey. O esforço de Kern merece destaque, ainda que ele foque mais o papel do significado cultural do espaço e do tempo e o das tecnologias na nova concepção que emergiu a respeito desses conceitos.

Por sua vez, Massey (2008, p. 111) aponta que Kern recorre ao argumento que transforma o espaço em tempo, equiparando representação e espacialização, algo comum, segundo ela, nos discursos sobre a modernidade, que é conceituada como “sequência temporal”. Na obra de Soja (1993), Kern é citado apenas uma vez, de forma elogiosa. Esse autor (1993) usa o livro aqui resenhado como pano de fundo das discussões sobre a experiência da modernidade que ele realizou e como expressão social, espacial e temporal das contínuas reestruturações associadas à dinâmica mutável e conflitiva da geografia histórica do capitalismo. Outro geógrafo de peso que também toma Kern como referência é Neil Smith. No epílogo à segunda edição de seu livro clássico *Desarrollo desigual. Naturaleza, capital y la producción del espacio* (2020), Smith concorda com o argumento desenvolvido por Kern e aponta, ainda, que quase um século depois do período analisado por ele, estaríamos vivendo uma mudança similar, marcada pela mudança fundamental do significado do espaço como construção social em múltiplas escalas que se traduzem na ideia de “espaço profundo”; este “é o espaço social por excelência, é a extensão física entrelaçada com a vontade social” (*ibid.*, p. 214).

O livro de Stephen Kern tem linguagem acessível e é de grande interesse para aqueles que se debruçam sobre o espaço e o tempo nas mais diversas áreas de conhecimento. Aborda uma temática

muito importante para pensar não apenas as transformações ocorridas na virada do século XIX para o -XX, pois instiga igualmente reflexões sobre as novas transformações tecnológicas, sociais, políticas e econômicas no início do século XXI. Longe de tornar o espaço desimportante (como muitas teorias sugeriram ao longo do século passado), as transformações analisadas em **A cultura do tempo e espaço** lançam luz sobre o atual período histórico e suas problemáticas, bem como sobre a importância da dimensão espacial da vida social.

Referências

HARVEY, D. Between Space and Time: Reflections on the Geographical Imagination. **Annals of Association of American Geographers**, 80:3, 1990. p. 418-434.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2008 [1989].

JAMMER, M. **Conceitos de espaço**: a história das teorias do espaço na física. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. 4. ed. Paris: Anthropos, 2000.

MARX, K. **Grundrisse**: Manuscritos econômicos de 1857-1858, Esboços da crítica da economia política. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008 [2005].

MASSEY, D. Introducción: la geografía importa. In: ALBET, A. A.; BENACH, N. (ed.). **Doreen Massey**: un sentido global del lugar. Barcelona: Icaria, 2012. p. 95-111.

PEREIRA, C. S. S. O Espaço, as Teorias Espaciais e a Geografia. Debates e direcionamentos contemporâneos. In: SPOSITO, E. S.; CLAUDINO, G. dos S. (org.). **Teorias na Geografia III – Mundos possíveis**. Rio de Janeiro: Consequência, 2023. p. 147-210.


SANTOS, D. **A reinvenção do espaço**: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002.

SMITH, N. El comienzo de la geografía. In: SMITH, N. **Desarrollo desigual**. Naturaleza, capital y la producción del espacio. Madrid: Traficantes de Sueños, 2020. p. 213-235.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993 [1989].

WERTHEIM, M. **Uma história do espaço de Dante à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001 [1999].

SOBRE O AUTOR

Cláudio Smalley Soares Pereira  - Professor dos cursos de graduação em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza.

E-mail: clasmalley@gmail.com

Data de submissão: 26 de janeiro de 2025

Aceito para publicação: 6 de março de 2025

Data de publicação: 23 de março de 2025